

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Os múltiplos corpos na vela

“Nós estávamos no Bar do Almirante, descansando e comendo alguma coisa antes de voltar para o treino da tarde, quando o Edson apontou para um Europa – um barco que não é tão comum agora, mas que já foi uma classe olímpica para mulheres alguns anos atrás. Quando ele falou disso, Renzo perguntou a razão para a existência de tantas classes e Edson respondeu que isso permitia que qualquer um pudesse velejar. ‘Por exemplo, se existisse apenas a Finn um nunca poderia ganhar uma regata porque para velejar bem nele (que é um barco individual com uma grande vela que possibilita uma grande velocidade, mas baixa estabilidade), é preciso ter pelo menos uns noventa quilos’. Então, ele continuou sua explicação, ter muitas classes permite que todo mundo possa encontrar um barco no qual o seu corpo seja adequado para uma ótima performance” (diário de campo, 22/01/2012).

Quando eu decidi pesquisar sobre relações de gênero na vela, eu rapidamente entendi que isto não seria possível sem levar em consideração as questões sobre corporalidade neste esporte. O que eu certamente ainda não sabia era a dimensão que este tema viria a tomar no decorrer do meu trabalho de campo, possibilitando a reflexão sobre dimensões que ultrapassaram em muito o desenho original das questões de gênero.

A classe Laser, uma das mais difundidas mundialmente¹, é um bom exemplo para pensar sobre estas múltiplas conexões. Ela é subdividida em três subclasses, diferenciadas pelo tamanho da vela, com o casco permanecendo o mesmo para cada uma delas, o que também facilita a transição entre estas subclasses. A primeira delas é chamada de 4.7, devido a esta ser a metragem de sua vela. Em seguida temos a Radial, com 5,76 m² e a Standard, com 7,06 m². De 1996 até 2004, a Laser era uma classe mista nos Jogos Olímpicos, com homens e mulheres correndo com velas Standard, mas

1

Além de ser uma classe olímpica tanto para homens quanto para mulheres, o que amplia a visibilidade e o interesse pela classe, o Laser é um dos barcos mais baratos, tanto para compra quanto em sua manutenção. Um Laser usado, ideal para velejadores que estão começando a praticar nesta classe, pode ser comprado por cerca de US\$ 2000, enquanto um Laser novo, para competidores mais avançados, pode ser encontrado por cerca de US\$ 8000, já completamente aparelhado.

apenas poucas mulheres conseguiam obter classificação para os Jogos, sem nenhuma medalha conquistada. Uma razão para isso, segundo algumas das velejadoras desta classe com quem conversei, era que em ventos mais fortes seria necessário ter pelo menos oitenta quilos (em um corpo forte e não em um corpo gordo) para poder escorar² o barco e continuar velejando com uma ótima velocidade. Deste modo, desde 2008, as mulheres participam dos Jogos Olímpicos na Laser Radial. Esta distinção entre os sexos, entretanto, não revela que as diferenciações existentes nesta classe vão muito além da separação entre homens e mulheres, como pode ser visto no site da ILCA (Associação Internacional da Classe Laser): “Assim como diversos seguidores entre aqueles velejadores de menor peso, a Laser Radial também é usada por jovens, mulheres e veteranos”.

Assim, podemos entender que a Laser Standard não é apenas para os “homens”, mas mais exatamente para os homens adultos e fortes, enquanto os mais jovens devem começar na 4.7 (que é considerada uma classe de transição para aqueles que se iniciaram na Optimist³) e, com a idade e o desenvolvimento corporal, passar para a Radial e, se for realmente resistente (ocasionalmente uma mulher considerada de grande resistência pode velejar na Standard também, uma vez que não há nenhuma proibição formal para isso, apenas poucas competições mistas nesta categoria), alcançar a Standard. Do mesmo modo, quando a idade e/ou as condições físicas tornam velejar nesta categoria muito difícil, uma pessoa pode passar a competir na Laser Radial nas diversas classes de veteranos (que começam a partir dos quarenta anos de idade).

Estas distinções indicam que uma análise que privilegia a oposição entre os sexos não é suficiente para entender a complexidade de conexões entre corporalidade, faixa etária e gênero que operam aqui. Neste caso, eu penso que é necessário

2

Escorar significa posicionar o corpo para fora do barco, que fica preso apenas pelos pés a uma alça de escora, fixa no casco, de modo a tentar contrabalançar o peso que o vento faz sobre a vela. No limite, o velejador deve conseguir ficar praticamente deitado, de forma paralela à água, enquanto permanece conduzindo o barco. Mais à frente, discutirei as relações entre escorar e as construções de gênero neste esporte.

3

A Optimist funciona como uma classe-escola, na qual existe um limite máximo de quinze anos de idade.

compreender o sentido das considerações de Ortner, para romper com uma noção de “homem” como uma totalidade:

“Minha questão geral aqui (...) é que uma análise focada através de uma distinção polarizada homem/mulher pode produzir distorções no mínimo tão problemáticas quanto aquelas que ignoram as mulheres e o gênero em primeiro lugar (...). Estas desvantagens estruturais masculinas são escondidas – pela cultura e por nós – pelo uso de uma categoria global de “homem”, associado com uma superioridade social geral vis-à-vis as mulheres. Em outras palavras, na tentativa de retificar o bias masculino na análise antropológica, nós deslizamos por outra espécie de distorção, a qual nós podemos chamar (na falta de outro termo melhor) de ‘bias dos grandes homens’. Nós tomamos os privilégios de certos homens – líderes, elites, filhos herdeiros ou o que seja – e assumimos que eles podem ser aplicados aos atores masculinos em geral” (2005: 131-132).

Se os “grandes homens” fossem, neste caso, aqueles literalmente grandes e fortes homens adultos observados na classe Laser, minha tarefa poderia ser relativamente fácil. Mas, a sequência do meu trabalho de campo e a colaboração de uma equipe de estudantes de graduação, que analisaram aspectos específicos das relações entre velejadores, desde Julho de 2009, quando começamos esta pesquisa, mostraram que esta questão poderia ser muito mais complexa do que estes primeiros dados indicavam. Em um destes trabalhos Mendonça (2010) discutiu como a posição dentro dos barcos – no caso de seu estudo, o 420⁴ – podia ser pensada em termos de gênero e corporalidade. Assim, ela discute como o proeiro – que geralmente é o mais pesado da dupla e responsável pelo equilíbrio do barco – ocupa uma posição “secundária” no que diz respeito às decisões estratégicas, que são tomadas pelo timoneiro. Nesta situação o comando, que é geralmente associado com a posição masculina, não aparece correlacionado com o homem “forte”, mas com o homem “estrategista”, subordinando aqui o “físico” ao “racional”.

Como dito acima, pouco a pouco, estes aspectos da corporalidade do velejador foram adquirindo uma dimensão autônoma nesta pesquisa. Desta forma, minha intenção

4

A 420 também pode ser pensada como uma classe de transição para aqueles que estão saindo da Optimist, mas que buscam sua inserção em um barco de dois tripulantes, como o 470, o Sniper ou outros semelhantes.

com este trabalho é desenvolver com o corpo – desde que o meu próprio corpo se transformou em uma ferramenta de investigação quando eu decidi aprender a velejar de modo a permitir ser “afetado” (Favret-Saada, 2005) também em minha corporalidade – uma etnografia do corpo destes velejadores.

Olhar, ouvir, sentir e escrever: o trabalho do antropólogo

“Assim, procurarei indicar que enquanto no olhar e no ouvir ‘disciplinados’ – a saber, disciplinados pela disciplina – realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal” (Cardoso de Oliveira, 1998:18).

Estas palavras soam como ecos contemporâneos de uma larga tradição na qual corpo e mente são pensados como em oposição, a qual tem sua origem na metafísica aristotélica, passando através da elaboração de Descartes que define “a mente humana como uma substância pensante e esta substância como completamente distinta do corpo humano” (Rocha, 2006) e chega, na Antropologia, na formulação de Kroeber (1917) do “superorgânico”, onde o orgânico (o corpo), o mental, o social e o cultural (o “superorgânico”) são entendidas como esferas irreduzíveis.

Em uma direção oposta, nós achamos o trabalho de Mauss, onde sua definição de pessoa como um “homem total”, aponta um caminho que foi seguido e desenvolvido por autores como Wacquant:

“Não é somente tal ou tal expressão de sentimento, tal ou tal atividade intelectual que supõe a coordenação destes três elementos: o corpo, a consciência individual e a coletividade; é a própria vida, é o homem todo, é sua vontade, seu desejo de viver ele mesmo sua vida, que devem ser considerados do ponto de vista desta trindade” (Mauss, 1981:334).

Olhar para o boxe “do ponto de vista desta trindade” e as consequências que ele retira desta decisão teórica e metodológica, que podem ser consideradas as características distintivas da etnografia de Wacquant. Assim, matricular-se em uma academia de boxe mostrou-se não apenas um caminho para entrar no campo, mas a possibilidade de seu corpo “ser afetado” por aqueles mesmos afetos que atingiam os sujeitos de sua investigação e abriram uma janela para dados que não eram verbais, mas construídos através de sua corporalidade:

“Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimentos em função do adversário e do momento (...). No boxeador já formado, o mental torna-se uma parte do físico e vice-versa; o corpo e a mente funcionam em simbiose total” (2002: 115-116).

Com isto, para fazer seu trabalho de campo, Wacquant não pôde dissociar-se em um corpo sensível (para olhar e escutar) e uma mente pensante (para escrever). Ele precisava, como seus nativos, aprender a pensar com seu próprio corpo e ser capaz de traduzir este aprendizado não apenas em uma disposição corporal no ringue, mas em um texto etnográfico.

Em meu trabalho de campo, eu senti a mesma necessidade de realizar esta pesquisa com meu “ser total”, realizando uma verdadeira “observação participante” (o que foi chamado por Wacquant de “participação observante”) e não alguma coisa semelhante ao que Favret-Saada criticou:

“No campo, meus colegas pareciam combinar dois gêneros de comportamento: um, ativo, de trabalho regular com informantes pagos, os quais eles interrogavam e observavam; o outro, passivo, de observação de eventos ligados à feitiçaria. Ora, o primeiro comportamento não pode de forma alguma ser designado pelo termo ‘participação’ (o informante, ao contrário, é quem parece ‘participar’ do trabalho do etnógrafo); e, quanto ao segundo, ‘participar’ equivale à tentativa de estar lá, sendo essa participação o mínimo necessário para que uma observação seja possível” (2005:156).

Mas, o que se consegue, do ponto de vista antropológico, com esta técnica de pesquisa? É a própria Favret-Saada que chama a atenção para o fato de que “aceitar ‘participar’ e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido em que se entende este termo” (2005:158). Assim, a utilização de meu corpo como ferramenta metodológica também “não me informa nada sobre os afetos dos outros; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aqueles dos meus parceiros” (2005:159).

Portanto, esta técnica de pesquisa aparece como pobre em termos de propiciar respostas para as questões antropológicas, uma vez que ela não possibilita nenhum tipo de acesso privilegiado ao “ponto de vista do nativo”. Porém, por outro lado, ele demonstrou ser, nesta pesquisa, um produtivo caminho para a construção de perguntas, para a problematização de determinados aspectos da pesquisa que, de outro modo, teriam passado despercebidos.

Posso destacar dois momentos em que questões surgiram, inicialmente, através de uma atenção focada em minha própria corporalidade e que, posteriormente, se desenvolveram em temáticas a serem observadas junto aos diferentes grupos de velejadores com quem desenvolvi este trabalho de campo.

O primeiro deles diz respeito a uma postura “relaxada” dentro do barco. No primeiro dia em que velejei, saí do barco com bastante dor nos braços e também um pouco no pescoço, as quais remeti a um pouco uso dos músculos que poderiam ser exigidos naquelas novas posturas. Entretanto, ao conversar com o instrutor daquela aula, ele disse ter notado que eu segurava os cabos de forma muito contraída (certamente pela minha insegurança de nunca ter velejado) e que isso era comum entre os novatos. Sugeri, então, que eu procurasse sentir os cabos com mais suavidade e que quanto mais eu estivesse com o corpo relaxado, mas eu sentiria o barco em minha mão, as mudanças de vento, a hora exata de fazer uma manobra e aprenderia a fazê-las da forma mais correta possível. Ao ouvir isso, comecei a observar se este fato se repetia com os demais velejadores que começavam a ter aulas no Dingue, barco no qual eu realizava a maior parte de minha pesquisa participante. O que pude notar foi que isto ocorria com a enorme maioria daqueles que, como eu, nunca tinham velejado antes, mas quando se tratava de uma pessoa que já tinha tido, mesmo que apenas na infância, um contato anterior com a vela (algumas pessoas tinham velejado na Optimist, muitas vezes por pressão familiar, e desistido posteriormente quando chegava na época de entrar na Universidade. Mais tarde, por interesse próprio, retornavam para o esporte), essa tensão não ocorria. Quando perguntava sobre isso, a resposta invariavelmente remetia a variações sobre a seguinte frase: “é que nem andar de bicicleta, o corpo aprende e não esquece mais!”. Esta questão de uma “memória corporal” é um tema que pretendo desenvolver de forma mais aprofundada no decorrer desta pesquisa e é um dos aspectos relevantes a que tive acesso através deste tipo de “comunicação não verbal”, a que temos acesso quando nos deixamos afetar corporalmente pelo campo.

O segundo momento em que este tipo de técnica possibilitou importantes insights para o desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da sequência de minha participação na escola de vela. Para situar o leitor, é necessário dizer que esta escola divide suas atividades em “aulas” na parte da manhã, quando os ventos em geral são mais fracos, e treinos na parte da tarde, para aqueles que já são considerados aptos a

participar de regatas. Depois de alguns meses velejando apenas na parte da manhã, eu fui convidado a participar dos treinos na parte da tarde, ampliando o meu campo de observação, mas ao mesmo tempo permanecia acompanhando as aulas dos iniciantes e, com o tempo, passei a ser utilizado como auxiliar dos instrutores, acompanhando (o Dingue é um barco para dois tripulantes) os mais inexperientes ou recém-chegados. Desta forma, era pedido que eu transmitisse os movimentos básicos, uma vez que ali, o aprendizado é considerado ocorrer muito mais na prática do que na teoria (havia algumas aulas teóricas, normalmente quando as condições de ausência de vento impossibilitavam o treino na água, mas estas eram vistas como secundárias por quase todos os próprios instrutores – com uma exceção marcante – e pela quase totalidade dos próprios alunos). Isto era reforçado pela frase que ouvia com alguma regularidade de que: “velejar se aprende é dentro da água!”. Um destes movimentos é o de cambiar, através do qual se inverte a direção do barco e que deve ser realizado sem virar as costas para a proa⁵, de modo a poder colocá-lo imediatamente na nova direção pretendida. No início de minhas atividades como “professor auxiliar” nesta escolinha, eu tentava explicar, oralmente, como o movimento deveria ser realizado, indicando que o leme deveria passar pelas costas, ao mesmo tempo em que o timoneiro⁶ trocava de bordo⁷, para que o movimento fosse realizado corretamente. Entretanto, rapidamente, eu notei que esta “didática” não surtia o menor efeito, mesmo eu utilizando o meu próprio corpo como exemplo. Somente quando eu comecei a colocar os iniciantes no leme e ir corrigindo, no próprio corpo daquelas pessoas, as posturas é que percebi que havia avanço no aprendizado daquele movimento.

5

Parte dianteira do barco.

6

Quem conduz o barco, através do leme.

7

Termo nativo para a parte lateral do barco, também é usado para indicar o rumo que o barco está velejando em direção a uma boia de sinalização de percurso em uma regata ou treino.

“O domínio da teoria tem muito pouca utilidade, uma vez que o gesto não está inscrito no esquema corporal; e é somente quando o golpe é assimilado no e pelo exercício físico repetido *ad nauseam* que ele se torna, por sua vez, completamente claro para o intelecto. Há, de fato, uma compreensão do corpo que ultrapassa – e precede – a plena compreensão visual e mental. Somente a experimentação carnal permanente que constitui o treinamento como complexo coerente de ‘práticas de incorporação’ permite que se adquira esse domínio prático das regras do pugilismo, o qual exatamente dispensa que essas regras se constituam como tal na consciência” (Wacquant, 2002:89).

Como Wacquant analisa em sua etnografia de um aprendiz de boxe, também na vela, em uma classe social completamente distinta, a teoria é deixada de lado quando se trata da incorporação de um movimento que não deve passar pela racionalização. Enquanto não entendi como esta transmissão deveria ser feita “já no corpo” e não de forma abstrata, não consegui ensinar como o movimento deveria ser feito. Ao mesmo tempo, esse processo possibilitou, para mim, a construção de dados significativos para problematizar a associação comumente feita entre camadas médias/saber teórico x camadas populares/saber prático.

Assim, embora aprender com meu corpo as técnicas da vela não tenha me permitido compreender o que se passa com o corpo e com os processos de significação dos múltiplos tipos distintos de velejadores, ele possibilitou um tipo de comunicação – inclusive essa propiciada por uma posição de “instrutor auxiliar” – que ultrapassava, em muito, aquela comumente vivida na relação etnógrafo/nativo.

Corpos que se transformam

“Torben Grael⁸ gosta de dizer que ‘velejadador bom come o que tem na mesa’. Ou seja, precisa saber velejar bem em qualquer tipo de vento. Acontece que, na prática, as estatísticas mostram que os favoritos se dão mal com muito mais frequência nos dias de vento fraco. Como o vento fraco

8

Torben Grael é um dos principais velejadores do Brasil, detentor de cinco medalhas olímpicas e comandante do barco vencedor da corrida de volta ao mundo, tendo sido eleito melhor velejador do mundo, em 2010, pela ISAF (International Sailing Association Federation).

costuma ser mais instável, acontece muito de ele simplesmente "apagar", sem lógica aparente. Além disso, alguns velejadores ganharam peso e massa muscular especificamente para enfrentar as condições de Weymouth. Força não adianta nada no vento fraco e peso só atrapalha” (http://sobreasaguas.blog.uol.com.br/arch2012-02-05_2012-02-11.html, acessado em 07/02/2012).

Esta é apenas uma de uma série de referências que conectam a performance dos velejadores de alto rendimento com seus corpos e com a intensidade dos ventos que algumas páginas esportivas da internet ressaltam, principalmente, como neste caso, quando se trata de uma página especializada neste esporte, ou seja, que fala principalmente para aqueles com algum conhecimento sobre o mesmo. Entretanto, nestes períodos que antecedem os Jogos Olímpicos, um público mais amplo começa a buscar informações sobre outros esportes, principalmente aqueles, como a vela, que já possuem um histórico de conquistas olímpicas.

Minha intenção aqui é muito diferente. Eu estou buscando construir interpretações sobre esta disposição de transformar seus corpos, seja ganhando ou perdendo peso, que os velejadores utilizam para buscar o melhor rendimento nas provas mais importantes de seu calendário. Neste sentido, esta prática pode ser aproximada daquela utilizada pelos nadadores que “raspam”⁹ seu corpo, antes das principais competições.

Isto não implica dizer que esta parte informativa não seja importante. Em artigo sobre este tema (Rojo, 2012), eu discuto como estes sites, bem como os canais de televisão por cabo, exclusivamente voltados para o esporte, jogam um papel decisivo na lenta, mas efetiva, transformação da monocultura futebolística na qual o Brasil viveu por um longo tempo.

Porém, o principal objetivo da Antropologia não é informar, mesmo que isso possa ser, ocasionalmente, parte de nosso trabalho. Este objetivo, segundo Geertz (1989), é criar interpretações a partir das interpretações nativas e, através desse procedimento, criar novos problemas sobre determinados temas. Como já explicitado, meu tema aqui não era originalmente sobre corpo, mas sobre gênero. Entretanto estas

9

Há pesquisas que apontam para uma diminuição do arrasto na água, propiciado pela eliminação dos pelos de todo o corpo, fazendo com que esta seja uma prática utilizada por praticamente todos os nadadores olímpicos.

questões não apenas estavam constantemente imbricadas neste trabalho como também adquiriram uma dimensão própria que não poderia ser ignorada.

Esta questão da mudança corporal é um destes momentos em que gênero e corpo se combinam e tornam problemático pensar em cada um destes temas de forma separada. Isto porque, no meu entendimento, estas alterações de peso e a importância da força física que são associadas com os velejadores de alto rendimento devem ser pensadas dentro de um contexto mais amplo de permanente adequação do corpo aos tipos de barcos e às posições que cada um escolhe, no caso de barcos com uma tripulação maior do que uma única pessoa.

Leal (2011), uma das estudantes que participou deste grupo de investigação, observou como este processo se inicia já na primeira infância, quando entre as crianças e jovens adolescentes, na faixa entre os sete e quinze anos de idade, que velejam na classe Optimist, os instrutores selecionam aqueles que irão passar do grupo dos iniciantes para a turma que irá começar a se preparar para participar de regatas. Neste trabalho, ela reflete sobre como, ao lado das habilidades náuticas, a corporalidade é uma das características envolvidas nesta decisão. Algo semelhante acontece quando alguns dentre eles são convidados a passar para outra classe antes de completar os quinze anos de idade¹⁰, uma vez que seus técnicos entendem que o tamanho e a força destes jovens velejadores já não seriam mais compatíveis com as pequenas dimensões do barco desta classe e suas habilidades já permitiriam avançar para uma classe “adulta”, principalmente a Laser 4.7. Portanto, é possível identificar que elementos como força e resistência são valorizados desde os primeiros anos neste esporte e Leal está investigando as conexões entre esta valorização e a taxa de abandono do esporte nesta classe de iniciantes.

Assim, estas capacidades de força e habilidade, a qual implica também em uma agilidade para realizar os procedimentos necessários a cada manobra no tempo exato para alcançar o melhor desempenho, mostram serem elementos importantes na escolha das classes neste momento de transição, como Mendonça pôde observar, desde outro ponto de vista, ser acionado no treinamento destes jovens, quando recém-egressos da Optimist:

10

A Optimist é a única classe na qual existe um limite de idade, de quinze anos, a partir do qual o velejador deve, necessariamente, ou abandonar o esporte ou escolher uma nova classe para velejar.

“Escora! Escora que nem homem! Você não tá mais no Optimist! Laser não é um barco pra menino!” (Instrutor de vela, para aluno recém-saído do Optimist e ingressado na classe laser).

“Vocês tão de sacanagem comigo, né? A grande não tá caçada, vocês nem mexeram na buja... Isso não é um Optimist, porra!” (Treinador do 420, logo após uma manobra de mudança de direção). (Mendonça, 2010:26)

Quando se trata de pessoas já adultas, estas mudanças corporais podem ser realizadas de diferentes formas e por diferentes motivos. Uma delas é através do ganho ou perda de peso para se adaptar a um regime de vento particular para alguma competição específica, como no caso dos Jogos Olímpicos citado no início deste item. A segunda é por um reforço no preparo físico, adquirindo a força necessária para um melhor desempenho na classe escolhida, tal como relatado por Rebeca em uma entrevista que realizei com ela, pouco depois do campeonato estadual de Laser, no qual ela competiu:

- Eu observei nesta competição que, entre quarenta e quatro barcos inscritos, havia apenas quatro mulheres. Em sua opinião, qual a razão para ter tão poucas mulheres correndo nesta classe?

- Eu acho que é porque a Laser exige muita força e eu penso que as mulheres desejam qualquer outra classe que não precise tanta força física. Internacionalmente, as mulheres que velejam na Laser são mais altas e mais fortes do que eu. As brasileiras são menores e aí eu acho que elas preferem classes que sejam mais adequadas a elas.

- E no seu caso, como você chegou a este corpo que te permite competir aqui?

- Eu penso que a preparação física é tudo para a Laser. É inútil você ter toda a habilidade técnica se você não for muito bem preparada porque quase todas as grandes regatas que você irá correr, principalmente na Europa, são com ventos bem fortes. Então eu tive que fazer um monte de mudanças no meu corpo, embora eu já tenha a vantagem de ser alta, o que ajuda. Mas, eu era muito magrela e eu fui ficando mais forte, com ombros mais largos, pernas mais grossas, tudo isso com muito preparo físico. Eu sei que tem muita gente que não gosta, mas eu não me preocupo porque eu sei que é importante para eu alcançar os meus objetivos.

Esta última afirmação é importante para contrastar com o que entende ser uma excessiva preocupação da maioria das mulheres com as consequências que um corpo apropriado para velejar nesta classe poderia ter sobre suas aparências, o que nos remete novamente para a relação entre corpo e gênero:

“A prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro ou, o que dá no mesmo, para o espelho (instrumento que permite não só se ver, mas também experimentar ver como é vista e se fazer ver como deseja ser vista), isto é, deixando de ser apenas uma coisa feita para ser olhada, ou que é preciso olhar visando prepará-la para ser vista, ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma, de corpo passivo e agido em corpo ativo e agente; no entanto, aos olhos dos homens, aquelas que, rompendo a relação tácita de disponibilidade, reapropriam-se de certa forma de sua imagem corporal e, no mesmo ato, de seus corpos, são vistas como ‘não femininas’ ou até como lésbicas” (Bourdieu, 2007:83-84).

Embora eu discorde com alguns aspectos desta interpretação, na qual os homens são apresentados enquanto uma totalidade (os “grandes homens”, já discutidos por Ortner) e as mulheres como as vítimas da “dominação masculina”, eu sou simpático com as preocupações de Bourdieu sobre as consequências das mudanças corporais na construção das identidades de gênero. Entretanto, eu prefiro pensar sobre esta questão em diálogo com o conceito de “performance de gênero”, tal como apresentado por Butler:

“A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora” (2003:201).

Através desta perspectiva é possível criticar algumas das dicotomias existentes na formulação de Bourdieu, como entre homem/mulher ou atividade/passividade, em favor de um entendimento da identidade como um marcador contextual, bem como da agência como necessariamente associada a “movimento” ou “mudança”. Deste modo,

uma performance quieta e silenciosa ou uma decisão pela permanência não podem ser sempre tomadas como indicativas da opressão, mas podem sinalizar para múltiplas performances de gênero entre homens e mulheres.

Ainda mais importante é que esta perspectiva abre espaço para a análise de usos do corpo “incoerentes”, do ponto de vista de alguns analistas, possibilitando que estas performances sejam entendidas “do ponto de vista do nativo” e seus atos não sejam pensados como orientados na direção de um objetivo estável.

Deste modo, Rebeca organiza sua performance nestas competições combinando suas modificações corporais, que visam o melhor rendimento possível durante as provas, com unhas cuidadosamente pintadas em vermelho, que conseguia manter assim mesmo após disputar oito cansativas regatas em apenas três dias, justapondo um “corpo para ser visto” (sem esquecermos que mostrar o corpo pode, em determinadas situações, ser entendido como uma agência também) e um corpo competitivo no esporte. É importante ressaltar, também, que, agindo assim, ela faz um movimento muito similar ao que uma série de atletas homens tem realizado, tais como David Beckham, Cristiano Ronaldo, Usain Bolt ou Robbie Garbarz (atleta britânico que, após alcançar o índice para os Jogos Olímpicos de Londres, posou para uma revista gay).

Conclusão

Múltiplas corporalidades, corpos que se adéquam e se modificam de acordo com a necessidade de cada etapa da carreira, de cada posição ocupada dentro de um barco ou pelas circunstâncias específicas de cada competição.

Mas, aqui, foram analisados não apenas os corpos dos velejadores, embora estes tivessem centralidade, mas também o próprio corpo do pesquisador, que em um processo de três anos de trabalho de campo e de aprendizado do esporte, também se modificou de acordo com o treinamento e as diferentes classes em que tive a oportunidade de desenvolver minha pesquisa.

Em cada um destes momentos, as performances de gênero apareceram de forma contundente, seja na transformação de “meninos” em “homens” e destes em “masters”, seja nas diferentes construções de gênero vivenciadas por mulheres e homens que não se reduzem às variações da dicotomia feminino/masculino.

Neste sentido é que este trabalho, para além de uma etnografia dos corpos existentes neste esporte, reforça a importância desta área para a ruptura de uma interpretação que, limitada ao sexo e a sexualidade, amarra as identidades de gênero ou como decorrência cultural de uma dualidade “natural” existente entre “homens” e “mulheres” ou como restrita aos caminhos trilhados pelas distintas opções sexuais. Sem negar a significativa importância acadêmica e política deste último campo, a Antropologia dos Esportes, principalmente na sua vertente que analisa a produção de

corpos e gêneros, possibilita ampliar esta área dos estudos de gênero, incorporando outras performances tradicionalmente ignoradas por estas análises.

BIBLIOGRAFIA:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, nº13, São Paulo: USP: FFLCH, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KROEBER, Alfred. The superorganic. *American Anthropology*, nº 19, p. 163-213, 1917.

LEAL, Ísis. *Crianças e jovens velejadores: corpo, gênero e transmissão familiar*. X Graduação em Campo, USP, São Paulo, 2011.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

MENDONÇA, Sara Sousa. *Crescimento, corporalidade e identidades de gênero entre velejadores da classe 420*. Monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal Fluminense, 2010.

ORTNER, Sherry. *Making gender: the politics and erotics of culture*. Boston: Beacon Press, 2005.

ROCHA, Ethel Menezes. Observações sobre a sexta meditação de Descartes. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 16, n. 1, p. 127-144, jan.-jun. 2006.

ROJO, Luiz Fernando. Transmissão de megaeventos: os Jogos Olímpicos. In: Toledo, L.H.; Hollanda, B.B.; Melo, V.A.; Malafaia, J. (orgs). *Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012 (no prelo).

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2002.